

Vencidos pela *fama* do não visto César: os boatos e a invasão de César à Itália em 49 a.C.

*Overwhelmed by the 'fama' of the unseen Caesar: the rumours
and the Caesar's invasion in Italy in 49 B.C.*

Ygor Klain Belchior*

Resumo: Este artigo tem como objetivo estudar o papel dos boatos durante o avanço de César sobre a Itália, no contexto das guerras civis contra Pompeu (49-48 a.C.). Como sabemos, César, ao cruzar o Rubicão, estava em desvantagem e em menor número de homens, só que mesmo assim conseguiu conquistar a Península, afugentando o seu inimigo. A nossa hipótese é que tal vitória foi facilitada pela circulação de boatos acerca da *fama* do general vitorioso e das suas tropas. Almejando, então, avaliar essa influência dos boatos neste contexto, estudamos as obras de Lucano, Cícero, Dião Cássio, Suetônio, Plutarco, Apiano e, é claro, as do próprio César.

Abstract: This article aims to study the influence of rumors during the advance of Caesar over Italy in the context of the civil wars against Pompey (49-48 BC). As we know, Caesar, have been crossed the Rubicon, was at a disadvantage and with fewer men, but still managed to conquer the peninsula by driving away his enemy. Our hypothesis is that such a victory was facilitated by the circulation of rumors about the *fama* of the victorious general and his troops. Intending to evaluate this influence of the rumors in this context, we studied the works of Lucanus, Cicero, Dio Cassio, Suetonius, Plutarch, Appian, and, of course, those of Caesar himself.

Palavras-chave:

Boatos;
Guerras Civis;
César;
Fama.

Keywords:

Rumors;
Civil Wars;
Caesar;
Fama.

Recebido em: 21/01/2019
Aprovado em: 11/02/2019

* Doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo (Usp). É pesquisador integrante do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir-MA/Usp e Leir/Ufop).

Introdução

O próprio Magno viu o medo e achou por bem depor braços, sem arriscar tudo com tropas vencidas pela *fama* do não visto César (Luc., *Phars.*, 2, 598-600).¹

O triunfo cesariano nas guerras civis é fortemente lembrado na contemporaneidade. Livros de História, obras cinematográficas, óperas e peças teatrais sempre exaltam a genialidade e a perspicácia de um general que conseguiu vencer o seu inimigo e conquistar o poder supremo da República. Tais produções, porém, costumam enfatizar apenas o talento bélico do líder, deixando de lado outros aspectos relevantes e determinantes da vitória, como o apoio partidário, a alimentação, o clima, a disposição das tropas, a fortuna e os próprios boatos.

Existe uma longa tradição que vincula o início das guerras civis ao cruzamento do Rubicão, em 10 de janeiro de 49 a.C., quando César teria dito a sua famosa frase: *iacta alea est* (Suet., *Iul.*, 32).² O episódio é tão associado à gênese da contenda que foi representado em diversos códices medievais (Figura 1):

Figura 1 - Representação de César cruzando o Rubicão



Fonte: *The British Library* (Royal MS 16 G VIII).³

¹ No original: "Sensit et ipse metum Magnus, placuitque referri/ signa nec in tantae discrimina mittere pugnae/ iam uictum fama non uisi Caesaris agmen".

² Seguindo tal tradição interpretativa, temos a obra *The Epic Saga of Julius Caesars Tenth Legion and Rome*, escrita por Dando-Collins (2002).

³ A imagem é datada do final do século XV e está contida em uma tradução francesa das obras de César. Disponível em: https://imagesonline.bl.uk/en/asset/show_zoom_window_popup_img.html?asset=171137.

Entretanto, para alguns autores, a importância da travessia na demarcação do começo dos embates só foi reconhecida bem mais tarde. Por exemplo, Beneker (2011) comenta que Veleio Patérculo (2, 49, 4) foi o primeiro a destacar o evento como o marco primaz das guerras, e sua obra data do século I. Essa atitude foi seguida também por Lucano (*Phars.*, 1, 183-235), Apiano (*B Civ.*, 2, 35), Plutarco (*Caes.*, 32), Suetônio (*Iul.*, 31-32) e Dião Cássio (41, 4), todos situados entre os séculos I e III.⁴

Outra versão encontra-se no *corpus* ciceroniano. Para o senador, as lutas tiveram prelúdio em 54 – quase quatro anos antes do Rubicão –, quando começaram a circular boatos sobre as aspirações ditatoriais dos generais em comandar a República, boatos que se intensificaram com a morte de Júlia, filha de César e casada com Pompeu, rompendo o vínculo pacífico entre os dois (*Cic.*, *QFr.*, 3, 8, 4).

As pesquisas acadêmicas contemporâneas, até então, não discutiram a influência dos boatos em contextos bélicos, um esquecimento que, talvez, esteja relacionado à atualidade do debate, ainda pouco aplicado ao Mundo Antigo, ou ao fato de os estudiosos darem mais crédito à genialidade militar dos comandantes do que à interferência dos boatos nas vitórias.

Com o intuito de escaparmos de tal obívio e fugirmos das narrativas focadas em grandes personagens, vejamos como um objeto histórico recente pode ajudar no desenvolvimento de novas interpretações sobre eventos já consolidados. Façamos estritamente dos boatos.

Os boatos no avanço sobre a Itália

No dia 10 janeiro de 49 a.C., César cruzou o Rubicão com somente 500 soldados e sem nenhum território sob o seu domínio na Península. Pompeu e o Senado, ao contrário, tinham 11.500 legionários, controlando, para além de Roma, as cidades de Arímínio, Brundísio, Cápuia e Corfíno.

De acordo com Lucano (*Phars.*, 1, 143-149), foi neste momento que as *famae* de Pompeu e César começaram a se propagar. O primeiro é referenciado como “ó Magno” (*Magne*), no vocativo, seguido da menção às suas brilhantes campanhas contra os piratas. Suas habilidades militares, características morais, senectude e talento político, especialmente entre o *volgus*, são glorificados e divulgados no boca a boca. Em síntese, Pompeu era bem conhecido, e a sua *fama* se assemelhava à de um salvador. César, em

⁴ De acordo com Beneker (2011), foi o conflito civil de 69, conhecido como o ano dos quatro imperadores, que resgatou a tradição da travessia do Rubicão. Tal relação é perceptível em Lucano, no desenvolvimento do *tópos* literário da *stasis* como um ataque à *patria*.

oposição, é apresentado por Lucano sem nenhum comentário sobre as suas vitórias ou sobre sua semelhança com homens grandiosos do passado. Temos apenas a alusão a um estrategista bravo, inquieto, impetuoso, cruel e sem pudor, cuja *fama* assustava os inimigos e a população de Roma. Eis, então, os retratos dos líderes na poesia lucaniana:

Não como iguais bateram-se. Um deles vergado
em senectude, e calmo, e acostumado à toga,
na paz das armas esqueceu, sequaz de *fama*,
muito concede à plebe – o seu motor é a voz
do povo – e só lhe alegra o aplauso em seu teatro
(Luc., *Phars.*, 1, 129-133).⁵

Quanto a César, não só o nome havia
e *fama* de estrategista, mas bravura inquieta
e um único pudor: o de vencer a luta.
Indômito e ferrenho, onde ira ou fé o instar
se atira e nunca poupa temerário ferro,
persegue seu sucesso e dos deuses o apoio,
dirimindo o que do alto poder lhe apartasse,
feliz em percorrer caminhos arruinando
(Luc., *Phars.*, 1, 143-150).⁶

É importante frisar que as *famae* consistiam em um tipo de boato bastante decisivo e confiável. Elas eram embasadas na opinião pública ou no julgamento das pessoas acerca de um evento ou de um personagem conhecido. Por causa disso, eram sempre levadas em consideração pelas cidades antes da tomada de qualquer decisão. Quanto maior a *fama* de um comandante, mais cautela as comunidades tinham, pois a sua aproximação e chegada fomentavam a formação de multidões, pânico e fugas.

As *famae* são definidas como “[...] boato, voz pública, [...] objeto das conversações [...], reputação, renome, estima, honra, glória” (SARAIVA, 2006, p. 472). Vale salientar que a avaliação quantitativa desse vocábulo pode disfarçar a sua verdadeira importância em uma guerra. Ao analisarmos o contexto de suas ocorrências, percebemos que são os boatos mais decisivos e com a maior credibilidade, porquanto “[...] a *fama* quase sempre chega em primeiro lugar [...]” e é “[...] suportada por informações ainda mais confiáveis”, mesmo quando apresenta o relato distorcido dos eventos e dos personagens (GUASTELLA, 2017, p. 118).

⁵ No original: “Iter uergentibus annis/ in senium loquique togae tranquillior usu/ dedidit iam pace duces,/ fama que petitor/ multa dare in uolguis, totus popularibus auris/ in pelli plausu que sui gaudere theatri”.

⁶ No original: “Sed non in Caesare tantum/ nomen erat nec fama ducis, sed nescia uirtus/ stare loco, solusque pudor non uincere bello./ Acer et indomitus, quo spes quoque ira uocasset, ferre manum et numquam temerando parcere ferro./ successus urguere suos, instare fauori/ numinis, in pelli quidquid sibi summa petenti/ obstaret gaudens que uiam fecisse ruina”.

Segundo Oliveira (2015, p. 113-114), em Roma, ela

[...] designava [...], em primeiro lugar, o processo de transmissão de uma informação pela conversa, pelo boca a boca [...] e, de modo mais geral, toda notícia de caráter incerto. Num segundo sentido, *fama* significava não mais o processo de transmissão, mas o seu resultado. Tratava-se [...] da *opinio uulgi*, da *existimatio hominum*, isto é, da opinião pública ou do julgamento das pessoas (positivo ou negativo) a respeito de um evento ou de uma pessoa conhecida.

A *fama* é a responsável por celebrar ou destruir a reputação no presente e transmitir aos pósteros a memória do passado. Está ligada, então, ao fato de que alguém ou algo é falado extensivamente e por um longo tempo. Daí advém sua relevância para o nosso trabalho (GUASTELLA, 2017). Por exemplo, a reputação de César era tão comentada que assustava os adversários, fazendo com que desistissem de enfrentá-lo. É o que assinalamos nas *Guerras Africanas*: “A cavalaria de Cipião [...], chegou em Parada; mas foi recusada a sua entrada pelos habitantes, após ouvirem a fama da vitória de César [...]” (*BAfr.*, 86, 1, grifo nosso).⁷

Dito isso, retornemos à entrada de César no norte da Itália. Sua primeira conquista foi a cidade de Arimino, entre 11 e 12 de janeiro de 49 a.C., na qual o rápido assalto levou à fuga muitos dos seus habitantes. Amedrontados, acharam que as milícias cesarianas eram mais numerosas do que os 500 homens já citados e difundiram boatos causadores de pânico, que logo se alastraram do norte da Península até Roma (*App.*, *B Civ.*, 2, 5, 35).

Plutarco corrobora essa versão:

Logo divulgou-se a notícia da tomada de Arimino, como se a guerra tivesse sido declarada, por mar e por terra, as fronteiras tivessem sido violadas, bem como todas as leis romanas e os limites de seu governo, completamente arruinados; dir-se-ia que as cidades inteiras, erguendo-se de seus lugares, fugiam umas após outras, de terror, por toda a Itália, não os homens e as mulheres, como outrora, de maneira que a cidade de Roma ficou imediatamente cheia, como inundada por uma torrente de povos vizinhos, que a ela se lançaram de todos os lados, sem que magistrado algum pudesse governá-la com sua autoridade, nem pela razão, conter uma tão violenta tempestade e tormenta, e bem pouco faltou para que ela não fosse totalmente destruída, porque não havia um lugar sequer onde não surtisse dissensões, rebeliões violentas e perigosas (*Plut.*, *Caes.*, 33).⁸

⁷ No original: “Equites interim Scipionis [...], perveniunt ad oppidum Paradae. Ubi cum ab incolis non reciperentur, ideo quod fama de victoria Caesaris praecurrisset”.

⁸ No original: “ἐπεὶ δὲ κατελήφθη τὸ Ἀρίμινον, ὥσπερ ἀνεωγμένον τοῦ πολέμου πλατείαις πύλαις ἐπὶ πᾶσαν ὁμοῦ τὴν γῆν καὶ θάλασσαν, καὶ συγκεχυμένων ἅμα τοῖς ὄροις τῆς ἐπαρχίας τῶν νόμων τῆς πόλεως, οὐκ ἄνδρας ἄν τις ᾤθη καὶ γυναῖκας, ὥσπερ ἄλλοτε, σὺν ἐκπλήξει διαφοιτᾶν τῆς Ἰταλίας, ἀλλὰ τὰς πόλεις αὐτὰς ἀνισταμένας φυγῆ διαφέρεσθαι δι’ ἀλλήλων, τὴν δὲ Ῥώμην ὥσπερ ὑπὸ ῥευμάτων πιμπλαμένην φυγαῖς τῶν πέριξ δήμων καὶ μεταστάσεων, οὔτε ἄρχοντι πείσαι ῥαδίαν οὔσαν οὔτε λόγῳ καθεκτὴν, ἐν πολλῷ κλύδωνι καὶ σάλῳ μικρὸν ἀπολιπεῖν αὐτὴν ὑφ’ αὐτῆς ἀνατετράφθαι. πάθη γὰρ ἀντίπαλα καὶ βίαια κατεῖχε κινήματα πάντα τόπον”.

Os boatos facilitaram a César, entre os dias 13 e 16 a.C., a ocupação de Pisauro, Fano e Ancona quase sem nenhuma resistência (Caes., *BCiv.*, 1, 10-11). Pompeu, então, decidiu frear o avanço do seu adversário, enviando tropas a Igúvio, em uma região próxima a Arimino. Sua população, entretanto, já ciente da *fama* cesariana e do seu “imenso” exército, preferiu hostilizar os pompeianos e expulsá-los, como verificamos no seguinte excerto das *Guerras Civis*:

Quando se anuncia a chegada dele, Termo, sem confiança nos sentimentos do município, retira as suas coortes da cidade e se põe em fuga. Em meio à marcha, os soldados desertam e tornam a seus lares. Curião ocupava Igúvio com apoio entusiasta da população. Ao tomar conhecimento desses fatos, César, contando com a boa disposição dos municípios, retira de suas guarnições as coortes da décima-terceira legião e parte para Áuximo (Caes., *BCiv.*, 1, 12, 2-3).⁹

A partir daí Dião Cássio (41, 4, 1-2) afirma que as cidades nortenhas não se opuseram à marcha do líder. Inclusive, Lucano (1, 466-468) comenta que as demonstrações de apoio fizeram com que o invasor se encorajasse, ocupando os municípios restantes, que igualmente se entregaram a ele de modo voluntário.

O progresso de César foi acompanhado ainda por Cícero. Por meio de duas cartas enviadas a Ático, entre os dias 12 e 17 de janeiro do ano de 49 a.C., ele relatou seu conhecimento sobre os boatos e as invasões, demonstrando notável espanto:

O que está acontecendo? Estou no escuro. As pessoas dizem: “Cíngulo é nossa, Ancona está perdida, Labieno desertou a César”. Nós estamos falando de um oficial romano ou de Aníbal? Louco e miserável nunca nem mesmo viu a sombra do bem! (Cic., *Att.*, 7, 11, 1).¹⁰

Para o senador, a *fama* de César começava a confundir-se com a do histórico e cruel inimigo cartaginense, sentimento compartilhado por Lucano (*Phars.*, 1, 303-305) na *Farsália*: “[...] em tremendo tumulto de guerras se agita Roma, qual se tivesse atravessado os Alpes Aníbal”.¹¹

Enfim, as rendições, a rápida disseminação da sua reputação e a associação a Aníbal fizeram com que até mesmo Pompeu se atemorizasse, um medo que, aliás, o fez rememorar a tomada da Itália pelos gauleses no ano 390, que ocasionou o subsequente

⁹ No original: “Cuius adventu cognito diffusus municipii voluntati Thermus cohortes ex urbe reducit et profugit. Milites in itinere ab eo discedunt ac domum revertuntur. Curio summa omnium voluntate Iguvium recepit. Quibus rebus cognitis confisus municipiorum voluntatibus Caesar cohortes legionis XIII ex praesidiis deducit Auximumque proficiscitur”.

¹⁰ No original: “Quaeso, quid est hoc? Aut quid agitur? Mihi enim tenebrae sunt. “Cingulum” inquit ‘nos tenemus, Anconem amisimus; Labienus discessit a Caesare’. Utrum de imperatore populi Romani an de Hannibale loquimur? O hominem amentem et miserum qui ne umbram quidem umquam tou kalou viderit!”.

¹¹ No original: “Non secus ingenti bellorum Roma tumultu/ concutitur, quam si Poenus transcenderit Alpes/ Hannibal.

saque à *Urbs*. Como resultado, Magno reuniu seus aliados e abandonou a capital. Na ocasião, Cícero escreveu para Ático revoltado: “O que você pensa do plano de Pompeu? Eu digo: a sua deserção de Roma. Eu não sei o que fazer sobre isto. Além do mais, nada pode ser mais ridículo. Deixar a cidade? Você faria o mesmo, caso os gauleses estivessem vindo?” (Cic., *Att.*, 7, 11, 3).¹²

Plutarco atribui a atitude pompeiana aos boatos propagados, argumentando que o estrategista era muito

[...] superior a César, em número de soldados: jamais, porém, o deixaram usar do seu parecer, mas deram-lhe tantos falsos boatos e causaram-lhe tanto temor, como se já tivessem os inimigos às portas, como vencedor, que ele cedeu por fim e deixou-se levar pelos demais, deliberando, ao ver as coisas em tal perturbação e tumulto, abandonar a cidade, ordenando aos senadores que o seguissem; não houve um só que ficasse, tanto eles preferiam a tirania à liberdade do governo (Plut., *Caes.*, 33, 3-4).¹³

A notícia da fuga rapidamente correu toda a Itália. Ciente disso, César resolveu marchar até Áuximo, onde estavam estacionados os legionários de Magno sob a liderança de Átio Varo. Ao saberem da sua chegada, os *cives* enviaram decuriões ao seu encontro, alegando a expulsão dos pompeianos, porque “[...] nem eles nem os demais munícipes podiam suportar que se impedisse a entrada em sua cidade [...] [de um] general de belos serviços prestados à República, de tão grandes façanhas” (Caes., *BCiv.*, 1, 13, 1).¹⁴

Simultaneamente, nos dias 17 a 20 de janeiro, Cingulo e Ásculo Piceno também se entregaram ao comandante. A primeira *civitas* havia sido fundada e construída por um aliado de Pompeu, Labieno, e seus cidadãos, ao ouvirem boatos da aproximação de César, mandaram emissários a ele, assegurando que todos executariam seus desejos “com a maior boa vontade”.¹⁵ Por seu lado, a segunda cidade estava ocupada por cinco coortes de Pompeu, lideradas por Lêntulo Espínter, e seus nativos os pressionaram a desertar (Caes., *BCiv.*, 1, 15, 2-3).

Nesse ínterim, o próprio César relata que, ao percorrer essa região do Piceno, foi acolhido pelas *praefecturae* da *regio* “com a alma em júbilo”. E elas assistiram “[...] o seu

¹² No original: “Quale tibi consilium Pompei videtur? Hoc quaero quod urbem reliquerit. Ego enim aporo. Tum nihil absurdus. Urbem tu relinquis? Ergo idem, si Galli venirent?”.

¹³ No original: “οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ τότε πλήθει δυνάμειος ὑπερέβαλλεν ὁ Πομπηϊὸς τὴν Καίσαρος: εἶασε δ’ οὐδεὶς τὸν ἄνδρα χρῆσασθαι τοῖς ἑαυτοῦ λογισμοῖς, ἀλλὰ ὑπ’ ἀγγελμάτων πολλῶν καὶ ψευδῶν καὶ φόβων, ὡς ἐφεστῶτος ἤδη τοῦ πολέμου καὶ πάντα κατέχοντος, εἶξας καὶ συνεκκρουσθεὶς τῇ πάντων φορᾷ ψηφίζεται ταραχὴν ὄραν, καὶ τὴν πόλιν ἐξέλιπε κελεύσας ἔπεσθαι τὴν γερουσίαν, καὶ μηδένα μένειν τῶν πρὸ τῆς τυραννίδος ἡρημένων τὴν πατρίδα καὶ τὴν ἐλευθερίαν”.

¹⁴ No original: “Neque se neque reliquos municipales pati posse C. Caesarem imperatorem, bene de re publica meritum, tantis rebus gestis oppido moenibusque prohiberi”.

¹⁵ No original: “Se cupidissime facturos pollicentur”.

exército com todos os meios" (Caes., *BCiv.*, 1, 15, 1),¹⁶ uma situação repetida ainda em mais cidades do norte italiano:

Já nessa altura as vilas do Lácio, hesitantes
e ainda sem partido, prontas a ceder,
entretanto, ao terror da guerra deflagrada,
vão protegendo os muros com largas trincheiras
os quais rente circunda a paliçada, e munem
as altas torres do mural com pedregulhos,
com todo troço, enfim, que ao longe o inimigo atinja.
O povo era propenso a Magno [...]
Mas o medo tudo
transforma e a boa-fé da Sorte é inconstante.
De medo Líbon deixa a Etrúria e Termo a Úmbria.
Perdem, destarte, povos tais seu livre arbítrio.
Nem faz guerras civis sob os auspícios paternos
Sula, que retrocede, ouvido o nome de "César".
Quando a cavalaria estava às portas de Áuximo,
do lado em que era falho o cerco, Varo foge
por selvas e por serras. Já de Ásculo o povo
põe Lêntulo p'ra fora: ao vencedor se entregam
seus homens, e ele só, de um exército foge,
chefiando estandartes de tropa nenhuma
(Luc., *Phars.*, 2, 447-471).¹⁷

Tais rendições servem como demonstrações iniciais de como os boatos ajudaram César a construir sua credibilidade. Eles tomaram a frente, organizaram os grupos e criaram uma aceitação passiva, gerando oposição e resistência às milícias de Pompeu. Nas palavras de Kapferer, "[...] se o boato toma vulto, então ele se auto confirma" (KAPFERER, 1993, p. 174). Ele passa a ter razão, apoio e adesão. Foi assim que logo se espalhou, atravessando boa parte do território nortenho.

Continuamente, na Itália Central, temos a mesma configuração. Corfíno, por exemplo, mantinha-se como o último local de resistência aos cesarianos. Seu comandante, Domício, a par das intenções ofensivas do líder, preparou-se para um possível cerco, estocando recursos dentro dos muros da sua cidade e de outras duas próximas, Alba e Sulmona. Essa conduta limitou as possibilidades de César apoderar-se de Corfíno, levando-o a remeter Marco Antônio até as comunidades vizinhas a fim de adquirir alianças

¹⁶ No original: "Cunctae earum regionum praefecturae libentissimis animis eum recipiunt exercitumque eius omnibus rebus iuvant".

¹⁷ No original: "Tunc urbes Latii dubiae varioque faore/ ancipites, quamquam primo terrore ruentis/ cessurae belli, denso tamen aggere firmant/ moenia et abrupto circumdant undique uallo,/ saxorumque orbes et quae super eminus hostem/ tela petant altis murorum turribus aptant./ Pronior in Magnum populus [...]/ gens Etrusca fuga trepidi nudata Libonis,/ iusque sui pulso iam perdidit Vmbria Thermo./ Nec gerit auspiciis ciuilia bella paternis/ Caesaris audito conuersus nomine Sulla./ Varus, ut admotae pulsarunt Auximon alae,/ per diuersa ruens neglecto moenia tergo,/ qua siluae, qua saxa, fugit. Depellitur arce/ Lentulus Asculea; uictor cedentibus instat/ deuertitque acies, solusque ex agmine tanto/ dux fugit et nullas ducentia signa cohortes".

e víveres. Ao chegar lá, em 24 de janeiro, o enviado descobriu que “[...] os habitantes de Sulmona, cidade distante catorze quilômetros de Corfíno, estavam desejosos de cumprir as suas ordens, mas eram impedidos pelo senador Quinto Lucrecio e por Átio Peligno, que ocupavam essa praça com uma guarnição de sete coortes” (Caes., *BCiv.*, 1, 18, 1).¹⁸

Quando avistaram os estandartes de César, os sulmonenses “[...] abriram as portas e todos, civis e militares, saíram exultantes ao encontro de Antônio. Lucrecio e Átio pularam do alto das muralhas” (Caes., *BCiv.*, 1, 18, 2-3).¹⁹

No mesmo dia, Antônio retornou com reforços e César os incorporou em seu exército. Em seguida, uniram-se a ele a oitava legião, 22 coortes da Gália e cerca de 300 cavaleiros. Com os novos homens, pôs-se a rodear Corfíno com trincheiras e fortificações. Ao mesmo tempo, Pompeu despachou mensageiros a Domício, avisando que não viria em seu socorro e que ele teria que enfrentar o assediador sozinho. Os boatos dessa mensagem logo transitaram e os domicianos,

[...] por decisão unânime, trazem a público Domício, cercam-no, mantêm-no preso e enviam, dentre os seus, delegados junto a César, para dizer que estavam dispostos a lhe abrir as portas, a fazer o que viesse ele a ordenar, e a entregar em suas mãos Lúcio Domício vivo (Caes., *BCiv.*, 1, 20, 5).²⁰

Prevenido, César cercou Corfíno no intuito de obrigar os cidadãos a cumprir o prometido e evitar uma presumível mudança de planos. Assustados, eles executaram o anunciado e se renderam. A vitória, no dia 31 de janeiro, sem derramamento de sangue, propiciou ao general a *fama* de insano, divulgada por *tota Italia* (Luc., *Phars.*, 2, 573).²¹

A partir daí, a preocupação com tal *fama* passou a se intensificar entre todos os centros de informação e agentes da comunicação na Itália. Até mesmo nas cartas de Cícero observamos esse crescimento. O senador mostrou-se receoso com os *sermones* populares, a ponto de solicitar o controle dos falares, pois sabia que os boatos sobre o estrategista eram os verdadeiros culpados pela edificação de uma poderosa reputação (Cic., *Att.*, 8, 11, 7).

Em conversas com pequenos fazendeiros e “homens comuns”, Cícero identificou uma opinião pública contrária a Magno e favorável a César. Menciona também que os

¹⁸ No original: “Nuntiatur Sulmonenses, quod oppidum a Corfinio VII milium intervallo abest, cupere ea facere, quae vellet, sed a Q. Lucretio senatore et Attio Peligno prohiberi, qui id oppidum VII cohortium praesidio tenebant”.

¹⁹ No original: “Sulmonenses simul atque signa nostra viderunt, portas aperuerunt universique, et oppidani et milites, obviam gratulantes Antonio exierunt. Lucretius et Attius de muro se deiecerunt”.

²⁰ No original: “Itaque omnes uno consilio Domitium productum in publicum circumstant et custodiunt legatosque ex suo numero ad Caesarem mittunt: sese paratos esse portas aperire, quaeque imperaverit facere et L. Domitium vivum in eius potestati tradere”.

²¹ No original: “Fama furoris”.

indivíduos temiam o segundo, oferecendo-lhe serviços e considerando-o um deus (Cic., *Att.*, 8, 13-16).

Assim, instalou-se o consenso de que a *fama* cesariana havia superado a de Pompeu, uma constatação que levou o senador a tecer as considerações:

Você já viu alguém mais tolo do que o seu Cn. Pompeu, agitando toda essa lama com a sua inútil ineficiência? Por outro lado, você já leu ou ouviu sobre alguém mais vigoroso em ação do que o nosso César, ou mais moderado na vitória também? (Cic., *Fam.*, 8, 15, 1).²²

A disparidade entre as duas *famae* levou várias *civitates* a ofertar apoio a César. Divulgaram éditos com louvores a ele e notícias falsas sobre Magno, atitudes que não passaram despercebidas a Cícero:

Você acredita que aqueles decretos dos italianos a respeito da saúde de Pompeu estão relacionados aos elogios endereçados a César? Você dirá, 'eles estão aterrorizados'. Sim, mas eles se declararam aterrorizados naquela ocasião (Cic., *Att.*, 9, 5, 4).²³

Sem suporte, Pompeu partiu para Brundísio, no sul da Itália. Ao longo de sua marcha, não conseguiu recrutar nenhum soldado das comunidades vizinhas, tendo que alistar pastores e escravos, homens que só vieram em seu auxílio, segundo Dião Cássio (41, 18, 6), porque não haviam sido intimidados pelas palavras das tropas cesarianas.²⁴

Ao chegar a Brundísio, em 31 de janeiro, Magno mandou seu filho à Ásia a fim de que divulgasse a *fama* do pai em todas as cidades onde havia triunfado (Luc., *Phars.*, 2, 632-649). Tempos depois, no dia 17 de março, vendo que o seu adversário se aproximava, o comandante seguiu para a Grécia. Com a fuga, César conquistou Brundísio, a última comunidade que até então apoiava Pompeu. Ao final, esclareceu que só não perseguiu Magno até a Grécia, porque não tinha navios suficientes (Caes., *BCiv.*, 1, 28-29).

A nova estação provocou a inópia de César, do seu exército e de Roma. Em consequência, despachou *legati* à Sardenha para coletarem *frumentum* e enviá-lo à *Urbs* e a Brundísio. Ao chegarem à ilha, foram informados de que não haveria resistência, visto que os pompeianos já tinham sido expulsos pela população após o surgimento de boatos da vinda dos cesarianos.

²² No original: "Ecquando tu hominem ineptiorem quam tuum Cn. Pompeium vidisti, qui tantas turbas, qui tam nugax esset, commorit? Ecquem autem Caesare nostro acriorem in rebus gerendis, eodem in victoria temperatiorem aut legisti aut audisti?"

²³ No original: "Video ut se huic dent, ut daturi sint. Quicum tu illa putas fuisse de valetudine decreta municipiorum prae his de victoria gratulationibus? "Timent" inquires. At ipsi tum se timuisse dicunt. Sed videamus quid actum sit Brundisi".

²⁴ Panfletos circularam na Itália anunciando o "fiasco de Pompeu" em Corfú (Cic. *Att.* 9, 12).

Os habitantes de Cáralis, tão logo ouviram que lhes tinha sido enviado Valério e antes mesmo de sua partida, de livre e espontânea vontade expulsam Cota da cidade. Ele, em pânico, porque constatava que eram idênticos os sentimentos de toda a província, foge para a África. Catão [...], ao tomar conhecimento da chegada de Curião, põe-se a lamentar em assembleia que tinha sido abandonado e traído por Pompeu, que, na maior das improvisações, tinha empreendido uma guerra desnecessária e que, interrogado por ele e outros no Senado, havia assegurado que tinha organizado e preparado tudo para a guerra. Após essas lamúrias em público, fugiu da província (Caes., *BCiv.*, 1, 30, 2-5).²⁵

Por fim, à medida que os boatos sobre César e sua *fama* cresciam, encontravam a adesão de novos públicos, e quanto mais indivíduos agregavam, mais verídicos pareciam. Foi assim que o líder efetivou suas vitórias e seguiu adiante, passando agora a Roma.

Os boatos na conquista de Roma

O Campo de Marte foi o primeiro local a receber os anúncios dos progressos de César. Um dos mais temidos foi transmitido, por exemplo, pelos partidários de Pompeu: César havia atravessado o Rubicão e marchava em direção a Roma. A sua *fama* violenta, de acordo com Lucano (*Phars.*, 1, 187), fez com que a pátria tremulasse perante o acaso vindouro.

Intimidados, os pompeianos passaram a difundir notícias de que o general tinha invadido ferozmente Arímino, provocando o refúgio dos habitantes em cidades vizinhas e na própria *Urbs*. O ataque estimulou a disseminação do boato de que a Itália estava nas mãos de um conquistador (Luc., *Phars.*, 1, 268).

Quando chega a Roma a notícia desses fatos, alastra-se um tal pânico que, tendo ido o cônsul Lêntulo abrir o erário para, de acordo com as determinações do *senatus consultum*, retirar fundos destinados a Pompeu, mal abriu ele o erário mais recôndito, pôs-se a fugir. Divulgavam-se falsos boatos de que César estava para chegar a qualquer momento e que a sua cavalaria já se fazia presente (Caes., *BCiv.*, 1, 14, 1-2).²⁶

A cada instante, diversos falares chegavam à capital e a *fama* cesariana tornava-se mais e mais pavorosa. Nas palavras de Lucano:

²⁵ No original: "Caralitani, simul ad se Valerium mitti audierunt, nondum profecto ex Italia sua sponte Cottam ex oppido eiciunt. Ille perterritus, quod omnem provinciam consentire intellegebat, ex Sardinia in Africam profugit. Cato [...] Quibus rebus paene perfectis adventu Curionis cognito queritur in contione sese proiectum ac proditum a Cn. Pompeio, qui omnibus rebus imparatissimis non necessarium bellum suscepisset et ab se reliquisque in senatu interrogatus omnia sibi esse ad bellum apta ac parata confirmavisset. Haec in contione questus ex provincia fugit".

²⁶ No original: "Quibus rebus Romam nuntiatis tantus repente terror invasit, ut cum Lentulus consul ad aperiendum aerarium venisset ad pecuniamque Pompeio ex senatusconsulto proferendam, protinus aperto sanctiore aerario ex urbe profugeret. Caesar enim adventare iam iamque et adesse eius equites falso nuntiabantur".

César, fanático por guerras, não vê graça
em rotas sem sangue trilhadas, e sem pisar
o Hespérico chão livre de inimigos, não se alegra
cruzar campos vazios, nem marchar sem prélios
e mais prélios; melhor que um colono
ceder-lhe a lavra, imbele: obtê-la a ferro e fogo
Ser só um cidadão e andar na lei o estorva (Luc., *Phars.*, 2, 439-446).²⁷

Imediatamente, então, os cidadãos da *Urbs* começaram a se proteger de um possível assalto. Ergueram paliçadas, trincheiras, construíram mecanismos de defesa e selecionaram os soldados para as vigias (Luc., *Phars.*, 1, 515-518). Tais ações aumentaram ainda mais a crença de que a cidade seria saqueada.

Com as estratégias bélicas foram praticados também rituais religiosos. Apiano (*B Civ.*, 2, 5, 36) alega que

[...] orações públicas foram oferecidas, como era costume em tempos de perigo, e as pessoas que se lembravam dos tempos malignos de Mário e Sula, clamavam que César e Pompeu deveriam deixar os seus comandos como o único meio de evitar a guerra.²⁸

Lucano igualmente menciona as cerimônias sacras, relatando a execução do *Amburbium* e do "lustral", formalidades realizadas por sacerdotes específicos, visando a aplacar a ira dos deuses e proteger a cidade. Vejamos:

Nisso, conveio convocar Etruscos magos,
costume já remoto. Deles, o mais velho
– Arrunte era seu nome, o que em Luca morava,
versado em ler do raio o curso e as mornas vísceras,
avisado nas penas que o céu atravessavam –
primeiro ordena a morte das estéreis mulas
[...] e que os filhotes agourentos se lhes queimem.
De imediato ordena que em torno à cidade
seus cidadãos medrosos façam procissão,
e que purgando os muros com ritos lustrais,
percorram os pontífices todo o pomério
(Luc., *Phars.*, 1, 584-594).²⁹

²⁷ No original: "Caesar in arma furens nullas nisi sanguine fuso/ gaudet habere uias, quod non terat hoste uacantis/ Hesperiae fines uacuosque inrumpat in agros/ atque ipsum non perdat iter consertaque bellis/ bella gerat. Non tam portas intrare patentis/ quam fregisse iuuat, nec tam patiente colono/ arua premi quam si ferro populetur et igni./ Concessa pudet ire uia ciuemque uideri".

²⁸ No original: "εὐχαὶ δὲ ὡς ἐπὶ φοβεροῖς προυγράφοντο, καὶ ὁ δῆμος ἐν μνήμῃ τῶν Μαρίου καὶ Σύλλα κακῶν γιγνόμενος ἐκεκράγει Καίσαρα καὶ Πομπήιον ἀποθέσθαι τὰς δυναστείας ὡς ἐν τῷδε μόνῳ τοῦ πολέμου λυθησομένου".

²⁹ No original: "Haec propter placuit Tuscos de more uetusto/ acciri uates. Quorum qui maximus aeuo/ Arruns incoluit desertae moenia Lucae,/ fulminis edoctus motus uenasque calentis/ fibrarum et monitus errantis in aere pinnae,/ monstra iubet primum quae nullo semine discors/ protulerat natura rapi sterilique nefandos/ ex utero fetus infaustis urere flammis./ Mox iubet et totam pauidis a ciuibus urbem ambiri et festo purgantes moenia lustris/ longa per extremos pomeria cingere fines".

Depois dos ritos, a narrativa lucaniana concentra-se no lamento dos idosos sobreviventes de guerras anteriores, os quais reavivavam suas violentas memórias e agouravam os sofrimentos vindouros: “Da anciã garganta, entanto, o fio de sangue desferido resguardou a flama. [...] Assim, tristíssima a velhice se queixava lembrando do passado e temendo o futuro” (Luc., *Phars.*, 2, 128-233).³⁰

Todavia, as expectativas geradas pelos boatos e pelas inquietudes dos mais velhos não se concretizaram com a chegada de César à capital. Em nenhuma das fontes averiguamos trechos narrando a agressividade e a crueldade do invasor com os *cives*. Ao contrário, o que conferimos são passagens exaltando a clemência e a amabilidade do líder. Por que, então, foi construída e repassada uma imagem adulterada? Talvez porque os cesarianos almejassem representar o general como uma personalidade a ser temida. Ou talvez porque os pompeianos pretendessem edificar a figura de alguém a ser odiado. Não importa, pois a documentação não nos permite identificar os ensejos de cada grupo. De qualquer forma, o que temos é a constatação de que os boatos, embora falsos, contribuíram para a criação de uma *fama* aterrorizante. Em suma,

A *fama* enganadora em medo verdadeiro
se tornou, aterrando o povo, e o mal
futuro adiantou, e a guerra vindoura correu
no boca-a-boca que distorce, aumenta e inventa.
“Contam que, onde Mevânia se estende em tauríferas campinas,
pelotões intrépidos pelejam
e que, onde o Nar deságua no Tibre, desanda
de César fero a bárbara cavalaria;
das águias e demais brasões à frente avança,
com não parco esquadrão, em quartéis numerosos.
Nem não é o conhecido general que veem:
Maior na mente, mais brutal e sanguinário
do que as hostis nações que ele venceu, parece.
Os que entre o Reno e o Elba habitam, removidos
dos Árticos rincões, despatriados, seguem-no,
horda que tinha ordens de rapinar Roma
às vistas dos Romanos. Nisso, o medo de uns
à *fama* aumenta e, mesmo sem ver malfeitores,
o inventado se teme, e não somente o vulgo
se abala ao vão temor, mas a Cúria e os Conscritos
aos pátrios lares deixam, e da guerra os
vis decretos um Senado em fuga envia os cônsules”
(Luc., *Phars.*, 1, 469-489).³¹

³⁰ No original: “Paruom set fessa senectus/ sanguinis effudit iugulo flammisque pepercit. [...] Haec rursus patiendae manent, hoc ordine belli/ ibitur, hic stabit ciuilibus exitus armis./ [...] Sic maesta senectus/ praeteritique memor flebat metuensque futuri”.

³¹ No original: “Uana quoque ad ueros accessit fama timores/ inrupitque animos populi clademque futuram/intulit et uelox properantis nuntia belli/ innumeras soluit falsa in praeconia linguas./ Est qui tauriferis ubi se Meuania campis/ explicat audaces ruere in certamina turmas/ adferat, et qua Nar Tiberino inlabitur amni/ barbaricas saeui discurrere Caesaris alas/ ipsum omnes aquilas conlataque signa ferentem/ agmine non uno densisque incedere castris./ Nec

Afinal, por qual razão algo inverídico acabou tornando-se crível? Devido à memória social dos envolvidos no contexto. Em outras palavras, por causa da relação entre as recordações e a realidade vivida. “As memórias constituem um processo ativo de reestruturação das lembranças no seio de um dado grupo social”. E os boatos coincidem com a experiência de vida daqueles que os compartilham. Só há memória social porque existe sentido para aqueles que a recordam. E quando um boato se transforma em crença é porque uma coletividade se empenhou em tirar do esquecimento a “sua” versão dos fatos (OLIVEIRA, 2015, p. 115).

O uso das memórias sociais é bastante perceptível, por exemplo, nas obras que abordam as guerras civis. Dião Cássio, nesse sentido, relaciona o medo da aproximação de César com os conflitos ocorridos entre Mário e Sula:

Pompeu, por causa daquilo que foi dito a ele a respeito de César e porque ainda não tinha preparado uma força suficiente para lutar contra ele, mudou os seus planos; pois ele viu que o povo da cidade, e de fato muitos membros do seu partido, ainda mais que os outros, encolhiam de medo da guerra em consequência da lembrança dos acontecimentos de Mário e Sula [...] (Dio., 41, 5, 1).³²

As pessoas comuns, relembando

[...] seus sofrimentos anteriores, alguns pela experiência e outros por ouvirem falar da boca das vítimas de todos os ultrajes que Mário e Sula cometeram, não procuravam também um tratamento moderado da parte de César. Pelo contrário, da mesma forma que grande parte de seu exército consistia de bárbaros, esperavam que o infortúnio vindouro fosse muito maior e mais terrível do que os anteriores (Dio., 41, 8, 5-6).³³

À noite, “[...] todos invocaram os deuses, beijaram o chão e lamentaram em mesmo número quantos perigos e aos quais tinham sobrevivido [...]”. Próximo aos portões, também, havia muitas lamentações (Dio., 41, 9, 2).³⁴

qualem meminere uident: maiorque ferusque/ mentibus occurrit uictoque inmanior hoste./ Hunc inter Rhenum populos Albimque iacentes/ finibus Arctoio patriaque a sede reuolsos/ pone sequi, iussamque feris a gentibus urbem/ Romano spectante rapi. Sic quisque pauendo/ dat uires famae, nulloque auctore malorum/ quae finxere timent. Nec solum uolgus inani/ percussus terrore pauet, sed curia et ipsi/ sedibus exiluere patres, inuisaque belli/ consulibus fugiens mandat decreta senatus”.

³² No original: “ὁ οὖν Πομπήιος ἔκ τε τῶν περὶ τοῦ Καίσαρος αὐτῶ λεχθέντων, καὶ ὅτι ἰσχὺν ἀξιόμαχον οὕτω παρεσκεύαστο, καὶ τοὺς ἐν τῇ πόλει, τοὺς τε ἄλλους καὶ αὐτοὺς μάλιστα τοὺς στασιώτας, τὸν τε πόλεμον ὀκνοῦντας μνήμη τῶν τε τοῦ Μαρίου καὶ τῶν τοῦ Σύλλου ἔργων καὶ ἀπαλλαγῆναι ἀσφαλῶς”.

³³ No original: “ποτε ἐθελῆσαι λογιζόμενοι, καὶ αὐτοὶ ἔρημοι μὲν ἀρχόντων ἔρημοι δὲ συμμάχων γιγνόμενοι, πρὸς τε τὰ ἄλλα πάντα παισὶ τέ τισιν ὄρφανοῖς καὶ γυναιξὶ χήραις ἐώκεσαν, καὶ τὰς ὀργὰς τὰς τε ἐπιθυμίας τῶν ἐπιόντων καὶ πρῶτοι. τῆς τῶν προτέρων παθημάτων μνήμης, οἱ μὲν αὐτοὶ πειραθέντες, οἱ δὲ καὶ ἐκείνων ἀκούοντες ὅσα καὶ οἷα ὁ τε Μάριος καὶ ὁ Σύλλας ἐξειργάσαντο, μέτριον οὐδὲν οὐδὲ ἐς τὸν Καίσαρα ὑπώπτευσον, ἀλλὰ καὶ πολὺ πλείω καὶ δεινότερα, ἅτε καὶ βαρβαρικοῦ τὸ πλεῖστον τοῦ στρατοῦ αὐτοῦ ὄντος, πείσεσθαι προσεδόκων”.

³⁴ No original: “τοὺς τε γὰρ θεοὺς ἀνεκάλουν καὶ τὰ δάπεδα κατεφίλουν, ὁσάκις τε [...], ὠδύροντο: πολλὺς δὲ καὶ περὶ τὰς πύλας θρήνος ἦν”.

O intrigante é que, mesmo com as memórias e com o clima de pânico instaurado, Cícero não conseguia ter certeza sobre o que ocorreria quando o inimigo, de fato, alcançasse a *Urbs*: “Se César entrar em Roma de maneira ordenada, vocês podem muito bem ficar em casa; mas, se em seu frenesi, o homem entregar a cidade para a pilhagem, eu temo que até mesmo Dolabela não poderá nos ajudar muito” (Cic., *Fam.*, 14, 14, 1).³⁵

A dúvida ocorria porque o senador, a todo o momento, se correspondia com os pompeianos e com os cesarianos no intuito de evitar a efetivação da guerra. Por causa disso, deparava-se com vários boatos que ou confirmavam, ou refutavam as versões apresentadas. Logo, ele não conseguia decidir-se, declarando:

Estou impressionado com a evidência de que todos os nossos partidários deixaram Roma e levaram suas mulheres com eles. Nesta ocasião, o distrito em que estou consiste não só de cidades devotas a mim, mas também de Estados que pertencem a mim, e em nossa propriedade. Eu definitivamente ainda não me decidi qual é o melhor plano (Cic., *Fam.*, 14, 13, 1).³⁶

Enfim, voltemos agora à marcha de César. O comandante transpôs o Rubicão em 10 de janeiro de 49 a.C. e, sete dias depois, Pompeu já havia desocupado Roma ao lado de boa parte do Senado. A população, por sua vez, viu-se abandonada pelo seu principal protetor e assustada com a *fama* do invasor.

Embora ausente, Magno ordenou a interrupção do fornecimento de grãos à capital, objetivando culpabilizar o seu adversário pela fome dos cidadãos. Astutos, os pompeianos difamaram César, inventando que ele desejava a penúria como uma forma de conquistar Roma.

Mas, logo, do peito
expulsa o belicismo e, todo entregue à paz,
granjeia o sempre instável favor popular,
côncscio de que a discórdia ou o máximo apoio
é uma questão de pão, pois só a fome pode
cidades controlar. Quando os mais poderosos
sustentam a ralé, estão comprando o medo:
não sabe o que é temor uma plebe esfaimada
(Luc., *Phars.*, 3, 52-58).³⁷

³⁵ No original: “Si vos valetis, nos valemus. Vestrum iam consilium est, non solum meum, quid sit vobis faciendum. Si ille Romam modeste venturus est, recte in praesentia domi esse potestis; sin homo amens diripiendam urbem daturus est, vereor, ut Dolabella ipse satis nobis prodesse possit”.

³⁶ No original: “Sed rursus illud me movet, quod video omnes bonos abesse Roma et eos mulieres suas secum habere, haec autem regio, in qua ego sum, nostrorum est cum oppidorum, tum etiam praediorum, ut et multum esse mecum et, cum abieritis, commode in nostris praediis esse possitis. Mihi plane non satis constat adhuc”.

³⁷ No original: “Tum pectore curas/ expulit armorum paci que intentus agebat/ quoque modo uanos populi conciret amores,/ gnarus et irarum causas et summa fauoris/ annona momenta trahi. Namque adserit urbes/ sola fames, emiturque metus, cum segne potentes/ uolguis alunt: nescit plebes ieiuna timere”.

Segundo Apiano (*B Civ.*, 2, 66, 41), todas as imagens negativas foram refutadas por César. Ele, inclusive, chegou a corresponder-se com pessoas da *Urbs*, sustentando que não se comportaria igual a Sula. Sua promessa se infiltrou nas cidades italianas por meio de panfletos, levando senadores e plebeus a crerem em sua clemência. A partir daí, podemos dizer que as comunidades passaram a adorar César e a abominar Pompeu (*Cic., Att.*, 9, 13-15).

Finalmente, ao chegar a Roma, em 1º de abril, reorganizou a *Respublica*, deu descanso aos soldados e solicitou aos senadores que enviassem *legati* a Pompeu para um acordo. Passados três dias, seguiu rumo às Hispânicas.

Ele, quando saiu da amedrontada Roma,
sobre nuvens, veloz, dos Alpes passa em marcha,
e enquanto outras nações tremem de ouvir seu nome,
os Focenses, estando guerra inda em aberto,
ousaram, não com a Grega franqueza, manter
a boa-fé e os pactos, seguindo não fados,
mas princípios (*Luc., Phars.*, 3, 297-303).³⁸

Considerações finais

As batalhas apresentam ótimas condições para a disseminação dos boatos. A precaução dos líderes em revelar seus planos, a dúvida quanto ao número das legiões, o estado de apreensão das populações, a aproximação rival e outros fatores transformam as situações bélicas em ocasiões propícias à origem e ao desenvolvimento dos falares. Nesse contexto, os boatos, com frequência, reduziram o prestígio dos comandantes, criaram ameaças, instalaram pânicos, hostilizaram os adversários e agregaram aliados. Foram usados ainda para as orientações de (re)ação, sobretudo porque embasaram as escolhas de amizade/inimizade.

Sendo assim, verificamos que a entrada de César na Itália e a rápida tomada de Arimino fomentaram a *fama* de um novo Aníbal, a qual proporcionou a ele o domínio de outras cidades, a saber, Pisauro, Fano, Ancona, Igúvio, Áuximo, Cíngulo, Ásculo Piceno, Alba, Sulmona, Corfínio, Brundísio e a própria capital. As rendições de diversas outras cidades fomentaram a sua *fama* de conquistador afugentando Magno, um renome que alcançou a *Urbs*, assustando ainda os *cives* e o Senado, os quais até chegaram a construir mecanismos de defesa para um possível assalto. A partir daí, constatamos

³⁸ No original: "Ille ubi deseruit trepidantis moenia Romae/ agmine nubiferam rapto super euolat Alpem;/ cumque alii famae populi terrore pauerent/ Phocais in dubiis ausa est seruare iuuentus/ non Graia leuitate fidem signataque iura,/ et causas, non fata, sequi".

que a *fama* do general suplantou a de Pompeu, visto que mais e mais *civitates* e *oppida* passaram a louvá-lo. Não demorou, então, para que César se encontrasse fortalecido, amparado e vitorioso.

Referências

Documentação primária

- APPIAN. *Roman History*. With an English translation by Horace White. London: Macmillan and Company, 1964. v. III
- APPIAN. *The foreign wars*. With an English translation by Horace White. London: Macmillan and Company, 1899.
- APPIAN. *Roman History*. With an English translation by Horace White. London: Macmillan and Company, 1912.
- CAESAR. *Alexandrian, African and Spanish wars*. With an English translation by A. G Way. London: William Heinemann Ltd., 1988.
- CAESAR. *Comentários sobre as guerras civis*. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- CAESAR. *The civil wars*. With an English translation by A. G Peskett. Edinburgh: St Edmundsbury Press Ltd., 1990.
- CASSIUS DIO. *Roman History*. With an English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961.
- CÍCERO. *Cicero's letters to Atticus*. With an English translation by E. O. Winstedt, London: William Heinemann Ltd., 1912. v. I-III.
- CÍCERO. *Letters to his friends; To his brother Quintus; To Brutus*. With English translation by William Glynn Williams. London: Heinemann, 1952.
- LUCAN. *Farsália: Cantos I a V*. Tradução de Brunno V. G Vieira. Campinas: Unicamp, 2011.
- LUCAN. *The civil war*. With an English translation by J. D. Duff. London: William Heinemann Ltd., 1928.
- PLUTARCH. *Plutarch's Lives*. With an English translation by Bernadotte Perrin. London: William Heinemann Ltd., 1919. v. VII.
- SUETONIUS. *The lives of the twelve Caesars*. With an English translation by Catharine Edwards. Oxford: Oxford University Press, 2000.

Obras de apoio

BENEKER, J. The crossing of the Rubicon and the outbreak of civil war in Cicero, Lucan, Plutarch and Suetonius. *Phoenix*, v. 65, n. 1/2, p. 74-99, 2011.

DANDO-COLLINS, S. *The epic saga of Julius Caesars tenth legion and Rome*. New York: Wiley, 2002.

GUASTELLA, G. *Word of mouth: fama and its personifications in art and literature from Ancient Roma to the Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

KAPFERER, J. N. *Boatos: a mais antiga mídia do mundo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

OLIVEIRA, J. C. M. Do boato à lenda. *Antíteses*, n. 16, v. 8, p. 111-129, 2015.

SARAIVA, F. R. dos S. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.